


SER MÃE NO INSTAGRAM – DISPOSITIVO MATERNO E EMPODERAMENTO COLONIZADO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n2-006>

Data de submissão: 03/01/2025

Data de publicação: 03/02/2025

Elen Carioca Zerbini

Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura/UnB

Flávia Passos Viana

Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura/UnB

RESUMO

O tema da maternidade tem muitas vertentes e sua idealização e romantização já foram bastante discutidas. Neste trabalho apontamos para outros dispositivos que influenciam esta vivência em mulheres trazendo sofrimento psíquico analisando o discurso sobre maternidade presente no Instagram, interseccionando o dispositivo materno e as tecnologias de gênero. O dispositivo materno aponta para a maternidade como construção social que sofreu mudanças no transcorrer da história, a naturalização do sentimento materno e a promoção da imagem da mãe. No discurso capitalista neoliberal, as conquistas feministas se transformaram em um empoderamento colonizado, pois, apesar da atenção dada as mulheres mães, elas não deixaram de ser exigidas no campo social e do trabalho, aumentando, e muito, suas tarefas fora e dentro do lar.

Palavras-chave: Gênero. Tecnologias de Gênero. Dispositivos de Gênero. Maternidade. Capitalismo. Saúde Mental.

1 INTRODUÇÃO

Histórias a respeito de mulheres mães existem nos contos populares, nas tradições orais e em livros como a Bíblia. Um texto do antigo testamento, aponta para o que é um comportamento de uma “mãe verdadeira”:

Disse, pois, o rei: Trazei-me uma espada. Dividi, disse o rei, em duas partes o menino que está vivo, e dai metade a uma e metade a outra. Então a mulher, de quem era o filho que estava vivo, falou ao rei (porque as suas entranhas se lhe enterneceram por seu filho): Ah! meu senhor! dai-lhe a ela o menino que está vivo, e de modo nenhum o mateis. A outra, porém, disse: Não será ele nem meu nem teu; dividi-o. Respondeu o rei: Dai a esta o menino vivo, e de modo nenhum o mateis: esta é sua mãe. Todo o Israel ouviu a sentença que o rei havia proferido; tiveram medo do rei: porque viram que estava nele a sabedoria de Deus, para fazer justiça. (BÍBLIA, I Reis 3:24-28)

O modelo bíblico, e mítico, traz a ideia de uma mulher que supera todos os sofrimentos físicos e mentais para poder ver o sorriso de seu filho, onde a felicidade deste é mais importante que qualquer outra coisa, “padecer no paraíso” segundo o ditado popular. A evolução desse modelo tão devoto à cria tem seu ápice com a Virgem Maria, cuja imagem foi amplamente difundida no mundo cristão. Sua virgindade, lealdade e dedicação são incontestáveis ainda hoje. Serve de modelo associado a uma imagem de mulher casta, pura e obediente.

Há tempos, a maternidade passa por mudanças segundo a evolução da humanidade. Interesses do Estado com o aval da cientificidade médica e tradição religiosa reforçaram o lugar de cuidado dos filhos para as mulheres, pois, eram elas quem os gestavam e pariam, ou seja, era ‘natural’ que elas se encaregassem também dessa tarefa na formação dos novos cidadãos (Moura, 2004).

No capitalismo contemporâneo e com um número cada vez maior de mulheres no mercado de trabalho as questões relacionadas à maternidade também mudaram. A jornada feminina se modificou, sendo necessário ainda assumir e conciliar as tarefas de cuidado e manutenção do lar e ainda trabalho fora, mas é óbvio que suas obrigações como mãe não diminuíram. Além de todas as atribuições necessárias para ser atraente para os homens, o mercado de trabalho, ela deve ainda ser boa mãe, nos moldes da hegemonia patriarcal. “Bela, recatada e do lar”. E outra mudança ocorreu tange à idade de reprodução e o mercado que a circunda.

Segundo os tratados de obstetria, uma mulher acima de 35 anos é considerada uma “gestante idosa”, pois, desde há séculos a idade reprodutiva variou da adolescência até os vinte e pouco anos, sendo, pois, arriscado, segundo esses tratados uma gestação após essa idade materna. Riscos para a mulher, riscos para o feto, malformações e prognósticos ruins. Enfim, muitas coisas conflitam para o momento de reproduzir. Mas a medicina para isso também evoluiu e apontou para o congelamento de

óvulos, reprodução assistida, barriga de aluguel e outras tecnologias que facilitam a gestação após os insucessos na empreitada da concepção e gravidez.

O capitalismo se beneficiou da mudança de discurso e acrescentou inúmeros recursos para mulheres que desejam se tornar mãe. Ao colocar a gestação, o parto, a amamentação como ‘objetos’ de desejo, ou insígnias da boa mãe, eleva o status desses acontecimentos, transformando uma decisão individual de cada mulher e possibilitando inúmeras saídas para essa escolha. São produtos e objetos de consumo que tornam essa experiência, que, segundo Zanello (2018), não é natural, mas constituída culturalmente. Trata-se, pois, de uma performance social.

O *looping effect* é um mecanismo discursivo que aponta para aquilo que deve ocorrer segundo a lógica dominante, ou seja, uma mulher grávida deve seguir determinado modelo, deve se comportar de tal maneira, sentir de determinada forma e agir segundo se espera de uma gestante no século XXI no mundo ocidental. O discurso científico atua sobre o corpo das mulheres apontando quando e como se tornar mãe. A idade, o estilo de vida, a quantidade de parceiros, o tipo de parceiro, as condições de vida interferem no corpo e na decisão de cada mulher (Zanello, 2018).

A diferença dos corpos, no capitalismo, é usada para manutenção do lugar social de cada sujeito. Se antes as mulheres eram privadas do ambiente do trabalho fora do domínio doméstico, hoje elas precisam conciliar os dois ambientes em que são demandadas largamente, mas com pouco reconhecimento desse trabalho em ambos os espaços.

Se nas décadas anteriores a questão estava voltada para a contracepção, permitindo às mulheres engravidarem mais tardiamente, nas décadas mais recentes percebeu-se um aumento na procura e melhora das tecnologias de reprodução assistida. Nicho médico em espantoso crescente. O mercado da maternidade começa antes mesmo da concepção!

A partir do exposto, foi proposto um estudo a partir dos achados nas redes sociais a respeito da maternidade e suas implicações, com o objetivo de descrever como se dá a interseccionalidade entre dispositivo materno e tecnologias de gênero nesse contexto virtual.

2 TECNOLOGIAS DE GÊNERO

Foucault (1996) define o dispositivo como um conjunto de discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas que tem como função produzir um sujeito que siga o script, que performe a partir das relações de poder e saber estabelecidas, sendo, pois, um processo de subjetificação. E ainda, os dispositivos têm o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter efeito mais ou menos imediato (Agamben 2009 *apud* Zanello 2018).

Lauretis (1994) conceitua *tecnologia do gênero* como um dos instrumentos que opera – ao lado dos discursos e das relações de poder – na produção de subjetividades, a partir das ideias de Foucault. Essa tecnologia é um mecanismo que aciona técnicas, procedimentos, práticas e discursos que tem como foco e resultado produzir sujeitos identificados com o sistema binário, homem e mulher. Assim, o gênero é “produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana” (LAURETIS, 1994, p. 208). E com o advento das redes sociais e sua extensão pode-se perceber o alcance dos discursos de gênero e seu modo de performar.

As tecnologias de gênero constituem os dispositivos, configurando caminhos privilegiados de subjetivação. Zanello (2018) explica que esses dispositivos interpelam *scripts* culturais, performances de gênero, e ocorrem em múltiplas esferas que vão desde as produções simbólicas midiáticas a regra dos comportamentos da vida cotidiana, o que é aprendido desde antes do nascimento, com a escolha de nomes, roupas e brinquedos; e na infância há uma pedagogia de gênero que estipula ações e produções esperadas segundo o sexo biológico.

As redes sociais, enquanto meios de difusão das tecnologias de gênero, corroboram a manutenção desse esquema, como dispositivos de gênero, favorecendo e disseminando modos de ser, agir e sentir para as mulheres incidindo inclusive sobre seu desejo de ser mãe. Nesses espaços virtuais, os discursos misturam cientificismo, misticismo e senso comum para manter as velhas normas para as mulheres, relacionamento e filhos. É o *looping effect* (ENTRAR AQUI COM NOTA DE RODAPÉ COM A DEFINIÇÃO) ditando como uma mulher deve se comportar, como uma mãe deve ser, como a criação de seus filhos deve ocorrer. Atualmente, as tecnologias de gênero têm reforçado e naturalizado dois aspectos como fundamentais para uma mulher: o amor (dispositivo amoroso) e a maternidade (dispositivo materno) (Zanello, 2016).

3 DISPOSITIVO MATERNO

O dispositivo tem um papel decisivo nos processos de subjetivação, como já colocado anteriormente, e não seria diferente nas questões relacionadas a gênero e sobretudo na questão da mulher que se torna mãe. O dispositivo da materno, ‘produz’ o sujeito mãe - captura, orienta, determina, intercepta, modela, controla e assegura os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos do ser vivente socialmente designado como mulher (Zanello, 2016; Maher; Saugeres, 2007).

Com as mudanças sociais do lugar da mulher, com a introdução do método contraceptivo e uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho, a maternidade passou a se constituir como escolha e favoreceu uma maior participação da mulher na vida socioeconômica, bem como uma

vivência mais livre de sua sexualidade. Contudo, essas novas configurações não desvincularam a mulher da ideia de que tipo de mãe deve ser (FIDALGO, 2003).

E apesar de tantos estudos sobre saúde da mulher, ciclo gravídico puerperal, pouco se avançou em termos de se ter um olhar sobre a mulher que não seja biologizante, binarista e patriarcal. Mesmo discursos que tentam promover um outro ponto de vista sobre essas questões tendem a repetir velhas táticas que amordaçam mulheres em suas singularidades, deslocando para a tradição, ou o natural, o que foi colonizado. Exemplo disso pode ser o movimento ‘Sagrado feminino’, que com nova roupagem de velhas táticas de aprisionamento do corpo feminino, estabelece aquilo que é feminino ou não, mais uma vez, ditando como a mulher deve ser e como deve ser a relação com o próprio corpo, suas interações e seu lugar na sociedade. Normalmente discursos como esses mostram-se acrílicos no que tange substancialmente ao gênero, suas tecnologias e dispositivos, além do recorte social, racial e econômico.

4 CAPITALISMO E O EMPODERAMENTO COLONIZADO

Ter um bebê hoje é um capital, objeto de consumo, mas cuja experiência precisa de alguns passos para que esteja completa. O oferecimento de consultorias, cursos, profissionais, vivências, pacotes e diplomas para validar que aquelas pessoas são bons pais e boas mães. Tudo isso alimenta e é alimentado à custa de um discurso totalmente acrílico com as questões de gênero. Reforçando cada vez mais lugares predeterminados e fixos para as mulheres e tendo a patologização como uma consequência daquelas que não almejam o que supostamente é esperado (Zanello, 2018).

Ao nos depararmos com os discursos e imagens de redes sociais percebemos a performance em ação no que se espera de uma mulher com filhos. Imagens, textos, dancinhas e ainda profissionais renomados diariamente enchem os olhos e ouvidos de milhões de mulheres, adultas ou crianças, com esse discurso do que é melhor e esperado, como deve ser, comer e se comportar. Não há garantias de que isso funcione, é óbvio, mas há um forte apelo para que se mantenha esse *status quo*, e o que funciona é a manutenção dessa forma de enxergar mulheres e mães. Esperando delas ações segundo os dispositivos amoroso e materno.

Atualmente, mesmo com uma maior discussão acerca do mercado da maternidade, percebe-se que as formas de buscar alternativas naturais para a maternidade, fugindo da imposição do consumo, são também colonizadas pelos ideais capitalistas no discurso. Na pós-modernidade o capitalismo coloniza o inconsciente e a natureza (JAMESON, 2002). Segundo este autor, na idade pós-moderna o tempo, a cultura e a experiência vivida transformam-se em *commodities*. A experiência compartilhada em stories, postagens e vídeos do Instagram são artefatos concebidos segundo um design social,

estabelecendo uma ordem e razão de ser, colocando a experiência singular como um modelo a ser seguido. Sendo assim, o que se compartilha vira um produto com valor cultural, social e comercial.

A colonização da maternidade pelo capitalismo acontece na pós-modernidade, de forma ainda mais incisiva e sutil, não pela lógica. Vemos que, na cibercultura, as tentativas de subversão da lógica do consumo acabam entrando no conceito de produção de trabalho imaterial e extração da mais-valia nas redes sociais, exemplo disso são os influenciadores digitais. Onde há uma mudança na operação do modelo feminino ideal, substituindo a repressão para um poder constitutivo, coloca-se um modelo ideal e toda mulher que se aproxima tem valor social superior. E quais seriam, pois, os efeitos psicológicos disso?

5 SAÚDE MENTAL MATERNA

A valorização social da mulher mãe ao longo dos últimos séculos ocorreu de forma a mantê-las no domínio doméstico em termos de poder e respeitabilidade. Com a mudança também ocorrida sobre como se deveriam cuidar dos bebês e crianças as responsabilidades femininas aumentaram ainda mais, sendo responsáveis pela vida, crescimento físico e moral dos novos cidadãos. Apesar de elas estarem conquistando mais postos de trabalho fora do ambiente doméstico, elas não são poupadas desse trabalho também. A partir do século XVIII e principalmente no século XIX, desenhou-se uma nova imagem de sua relação com a maternidade, segundo a qual o bebê e a criança transformam-se nos objetos privilegiados da atenção materna (Moura, 2004). E se pensar nesses objetos privilegiados a partir dos discursos das redes sociais, constata-se que a maternidade tem seus produtos colocados nas prateleiras virtuais.

Pululam em perfis online dicas de várias funções que as mulheres devem exercer com seus filhos, nutridora, professora, enfermeira, psicóloga e todas as profissões relacionadas a cuidado. Contudo, esse tipo de discurso acaba por reafirmar a ideia de devotamento e sacrifício em prol dos filhos e da família. E atualmente se tem ainda o aval médico e religioso que colocam essas atribuições como inerentes à natureza da mulher. Assim, se por um lado as mulheres adquirem uma valorização familiar e social contestar isso as coloca em lugar de transgressão e “anormalidade”, visto que contraria a natureza imposta pelos dispositivos materno e amoroso (Zanello, 2018; Moura, 2004).

Especialistas de todas as áreas que vêm ganhando força sobretudo nas redes sociais são também responsáveis por ditarem as regras segundo o que é esperado em termos de performance e atuação maternas. Esses profissionais, através de suas intervenções e pedagogias, vêm contribuindo com a construção de normativas destinadas a regular o fazer, sentir e pensar das mulheres com filhos. E as regras (dicas, conselhos, orientações) colocadas passaram a ser seguidas não mais a partir da

imposição ou do receio da punição, mas pelo desejo cultivado e orientado de uma “vida normal e saudável”.

No organismo da mulher, em sua fisiologia específica, estariam inscritas as predisposições ao adoecimento mental (ZANELLO, 2018). Vide o aumento de casos de Depressão pós-parto e o quanto a justificativa recai mais sobre a queda hormonal que uma crítica às exigências da maternidade e a falta de amparo social para a mulher. Se por um lado, os adoecimentos mentais das mulheres nos séculos anteriores eram relacionados a desvios relativos aos papéis socialmente atribuídos a elas, atualmente a sobrecarga em seguir esse modelo que tudo dá conta, sexual, social, econômica e profissionalmente tem produzido um outro tipo de adoecimento, e a falsa liberdade da mulher a deixa sozinha e responsável pela manutenção de um lar feliz, de uma carreira brilhante e de um corpo desejado socialmente. Seria, então, a depressão pós-parto a nova histeria?

Deve-se levar em conta que “(...) toda experiência humana é culturalmente constituída. E mesmo as emoções são respostas culturalmente condicionadas, configuram-se na interface entre o sentido, as sensações corporais e os significados culturais” (LEAVITT 1996 *apud* ZANELLO 2018). Portanto, inclusive os sintomas são generificados e culturalmente desenhados. Dessa maneira, retomando a citação bíblica, sobre as entranhas se estremecendo da ‘verdadeira mãe’ se coloca o que uma mulher deve sentir, fazer, agir, atuando e performando de acordo com o que é posto pela cultura, dando mostras de sua benevolência e qualidade como mãe.

6 MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo netnográfico (etnografia virtual) através de análises de *hashtags* presentes em postagens do *Instagram*. Levando-se em consideração o universo de milhares de usuários e postagens desta rede social, realizamos a busca por apenas duas *hashtags*, a saber: #maternidade e #maternidadereal. A coleta foi realizada durante sete dias consecutivos, de 24/03 a 31/03/22, reunindo 210 postagens. A escolha dos *posts* seguiu a ordem dos mais relevantes indicados pela rede social, e realizada coleta na ordem de aparecimento. Foram excluídos aqueles que se repetiam ou que estavam duplicados em ambas *hashtags*, e essa repetição foi considerada relevante no tocante aos temas recorrentes. Outros *posts* que foram coletados não foram categorizados posteriormente, pois não se enquadraram nas categorias sobressalentes. Não foram analisados os comentários, apenas as postagens em suas diferentes formatações: Fotos, textos, vídeos e banners.

É importante ressaltar que a *hashtag* #maternidade possuía no início da pesquisa 17,4 milhões de *posts* e que a *hashtag* #maternidadereal apresentava 9,1 milhões de *posts*. A amostra selecionada

pode parecer pequena quantitativamente em relação a ao mundo virtual, porém traz uma grande riqueza qualitativa para a análise. (Fragoso et al, 2011)

Notou-se que a maioria das postagens utilizavam ambas as *hashtags* pesquisadas, reforçando que as mulheres mães encontram nesse lugar virtual um sentido de pertencimento e comunidade de troca a partir dos comentários.

As postagens foram printadas e armazenadas em uma pasta para organização do material e posterior análise qualitativa a partir das categorias encontradas. Em razão da frequência e da repetição dos temas, foram elencadas categorias que serão descritas posteriormente.

Após a coleta iniciou-se a etapa de pré análise visual dos dados a fim de organizar o material, realizar leitura e posteriormente a codificação e categorização das postagens advindas da busca das *hashtags*, de acordo com a análise de conteúdo (Bardin, 1977).

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise dos dados coletados foram elencadas 7 categorias: 1) Nossa Senhora do amor maior – a maternidade com o lugar da abnegação, virtuosidade; 2) Mães esgotadas – a face do cansaço materno; 3) Lugar identitário da maternidade; 4) A culpa é da mãe! 5) Mãe empreendimento – alternativa ou manutenção de status quo? 6) E com a palavra, os especialistas! – Dicas de como ser a mãe ideal e 7) Rituais de empoderamento colonizado. Cada uma das categorias elencadas será explicada utilizando a teoria dos dispositivos maternos e as tecnologias de gênero e serão usadas as imagens dos *posts*.

1) Nossa Senhora do amor maior – a maternidade com o lugar da abnegação, virtuosidade

Essa categoria foi a primeira a ser reconhecida pela frequência da temática acerca da maternidade como lugar de abnegação, sacrifício, doação e cuidado. Importante ressaltar que as postagens, além de reforçarem esse lugar virtuoso para a mulher, deixavam claro que tudo o que se faz é por amor. Isto é, a maternidade almejada como esse “padecer no paraíso”, esteve presente no volume dos *posts* coletados, de maneira substancial.

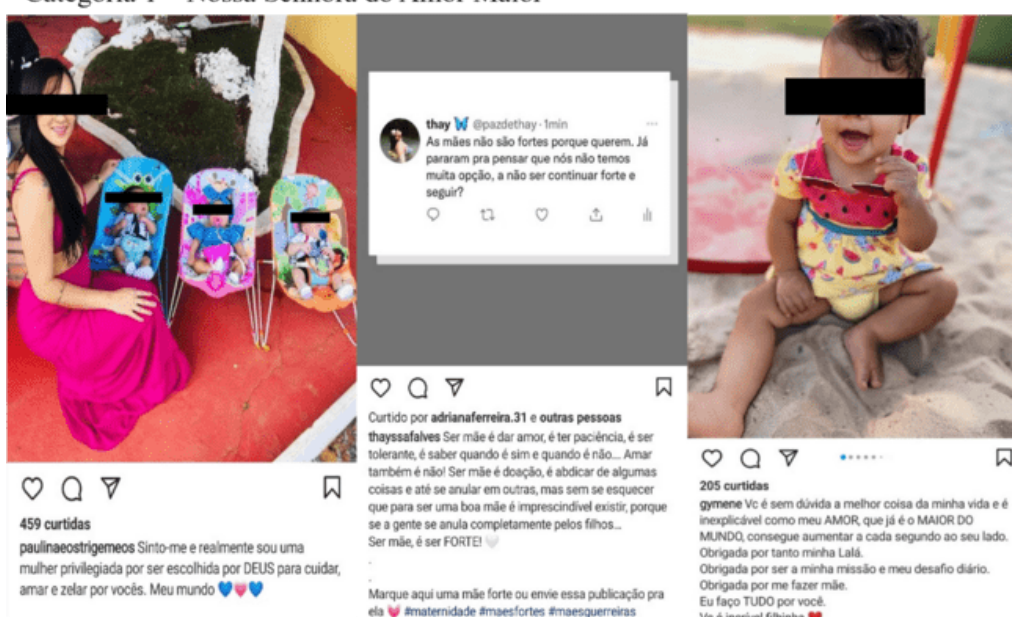
No primeiro *post* vemos uma mãe que exalta ter sido escolhida por Deus para a sagrada tarefa de matinar três crianças através do cuidado e do amor. Há aqui uma romantização e uma idealização do processo da maternidade, alavancado por esse ideal da mãe sagrada. É um lugar de privilégio dentro da sociedade, uma vez que se cumpriu um destino biológico esperado e construído para as mulheres. O segundo *post* reforça que esse caminho tem dificuldades, mas que são todas superadas pelo amor. A mulher mãe aqui é aquela que abdica de sua vida e de seus projetos, anula-se muitas vezes em benefício de ver os filhos e a família bem. Ao final da frase essa mãe expõe que a anulação é bem-

vinda, mas não a aniquilação. Afinal, quem irá cuidar dos filhos se ela não estiver presente? Essa pedagogia afetiva na qual as mulheres são encaminhadas a exercer sua “feminilidade” através do cuidado e desse senso de imprescindibilidade é uma forma de empoderamento colonizado (Zanello, 2018, p.167). Por fim, vemos no terceiro *post* uma declaração de amor da mãe à filha bebê. Este tipo de postagem aparece com muita frequência na amostra coletada e reforça o lugar de mãe como sagrado e vinculado ao amor acima de todas as coisas.

Sabemos que a maternidade não é um fenômeno estanque e tampouco uniforme, porém, historicamente pode-se observar a construção de um modelo ideal, tanto de mulher como de mãe, e desde então, apesar de diferentes roupagens, um dos fios condutores que se mantém é a associação entre a maternidade com o sagrado. Nesse caminho de construção de um ideal materno, a mulher passa a ter uma imagem de santa, de boa cuidadora, abnegada, assexuada e maternal por natureza, tal como nos aponta Badinter (1985) e Zanello (2018).

Esse lugar confere a mulher um status diferenciado na sociedade, ainda que não garantido para ela quaisquer condições favoráveis na execução e vivência desse papel social. Segundo Badinter (1985) desde o século XVIII as mulheres vêm modificando o modo de ser mães, e uma das mudanças significativas é o surgimento do que ela chama de era das provas de amor. “O bebê e a criança transformam-se nos objetos privilegiados da atenção materna. A mulher aceita sacrificar-se para que seu filho viva, e viva melhor, junto dela.” (Badinter, 1985, p. 143).

Figura 1: Posts 1, 2 e 3
Categoria 1 – Nossa Senhora do Amor Maior



Nessa toada de provas de amor, as postagens coletadas também as reforçam como modelo de boa mãe a ser seguido. Lembramos que não é objetivo deste trabalho focar na questão da amamentação, e sabemos da diversidade de narrativas dentro das redes sociais sobre esse tema. Entretanto, no recorte da amostra pesquisada, se encontrou um reforço da amamentação como atividade natural, devotada, prazerosa e de muito amor. Depois de séculos de indiferença quanto a amamentação, a proximidade dos filhos, que antes eram levados para amas de leite e cuidadoras longe da cidade, as mulheres começaram a dar provas de amor e uma delas é o aleitamento (Bandinter, 1985, p.145).

O quarto *post* traz, portanto, um texto apaixonado de uma mulher que diz amar amamentar a filha e que o aleitamento é um transbordar de amor, um ato de nutrição feliz e amparo carinhoso. Aqui destaca-se a realização da mulher no ato da amamentação e tal ação sendo proporcionada pela natureza. Não parece caber dúvidas sobre essa relação amorosa e de dedicação feliz, entretanto, ela não é uma realidade para todas as mulheres. Compreende-se, então, como política pública, o incentivo a amamentação é fundamental, entretanto, quando trazemos outras questões, por exemplo, as interseccionalidades, percebemos que as realidades são diferentes e necessitam ser compreendidas e respeitadas. Finalizando essa categoria de análise, temos o quinto *post* que fecha o pacote da Nossa Senhora do Amor Maior. A mulher e esposa ideal (Federici, 2017), persiste na atualidade, ainda que com novos arranjos, mas sempre devotada a cumprir da melhor maneira seu papel social de cuidadora e mãe. Importante considerar que, segundo Zanello (2018), na maioria dos casos, as mulheres chegam ao dispositivo materno através do dispositivo amoroso.

Figura 2 – Posts 4 e 5
Categoria 1 – Nossa Senhora do Amor Maior



2) Mães esgotadas – a face do cansaço materno

Esta foi a categoria onde mais encontramos postagens. O cansaço materno se liga também com a culpa por não priorizar o filho e à solidão materna. Está presente mesmo nas postagens que tentam desconstruir a necessidade de perfeição. Mas não encontramos a possibilidade do arrependimento, de negação do amor, ou simplesmente da falta de culpa por priorizar outros afazeres.

No sexto *post* apresentado abaixo, observamos uma mulher que está exausta por cuidar sozinha de seu filho, mesmo tendo um marido. Essa responsabilidade centralizada da maternidade não é compartilhada pela paternidade. Como nos aponta Zanello (2018, p.166) “os homens, em geral, não são interpelados, como se esse assunto não lhes dissesse respeito.” Os cuidados, portanto, com a casa e com os filhos vão exaurindo essas mulheres mães, podendo chegar a níveis extremos de afetação em sua saúde física e mental.

No sétimo *post*, retratado na Figura 4, podemos ver esse texto no qual a mulher esclarece todas as tarefas que lhe cansam, menos a maternidade! É como se fosse possível, no modelo de maternidade ideal que se tem na sociedade, excluir o cansaço materno. Invisibiliza-se a falta de divisão do trabalho, a falta de rede de apoio, a pedagogia afetiva que sustenta o lugar da boa mãe como a que tudo faz sem reclamar. O dispositivo materno aqui atua de modo voraz, pois é compreendido como natural o cuidar e o afeto dispendidos pela mulher nessa função. A sociedade não vê como trabalho e as mulheres sentem e ressentem em seus corpos e subjetividades todo esse excesso. É esperado da sociedade e delegado às mulheres, a responsabilidade principal, quando não exclusiva, pelo cuidado.

Além disso, há ainda a naturalização da dor, do cansaço, a busca pelo parto normal sob a ótica do natural “humanizado”, amamentação, remédios, suplementos, consultas e cursos, enfim. Todo um modelo de mãe a ser seguido, independente se a mulher em questão apresenta, naquele momento, de fato desejo e condições (físicas, psíquicas e até mesmo financeiras) para a aquisição dos diversos “combos de maternidade”.

Nessa toada, a depressão pós-parto, tão temida pelas puérperas é vista como algo fisiológico e normal, esperado até diante de tamanha mudança na vida da mulher. Atualmente usa-se corriqueiramente o termo *Mommy Burnout* para referir-se ao estresse crônico, tensão emocional e exaustão, presentes no esgotamento materno. É utilizado como uma síndrome, mesmo sem pertencer a categorização dos manuais de psiquiatria, mas que reforça a necessidade da medicalização, silenciamento e não enfrentamento das questões centrais dessa exaustão. Pouco se pensa a respeito das mudanças sociais sobre o que se espera e exige de uma mulher diante da maternidade. São tantas exigências projetadas e introjetadas que resta apenas o sofrimento e frustração ao não receber as glórias depois de tamanho esforço para ter um filho.

A falta de rede de apoio, a não participação masculina na divisão dos cuidados (quando há um homem presente), a ausência de políticas públicas que auxiliem as mulheres na gestão do seu tempo – tanto produtivo quanto ao trabalho formal, quanto no tempo para o cuidado de si. São questões que ultrapassam o mero autocuidado tão difundido nas redes sociais e pelos especialistas.

Justifica-se a partir de diversos argumentos tal responsabilidade atribuída às mulheres. As mulheres são mais cuidadosas, mais atentas, mais aptas a oferecer carinho. Os homens, quando presentes, se debruçam sobre o trabalho formal fora do ambiente doméstico (e ainda

com as mudanças para o home office, permanecem focados no trabalho – que é o que se espera deles). Não incide socialmente sobre os homens a obrigação pelos cuidados com os bebês, por exemplo. Tais argumentos se estruturam sobre a diferença sexual, que é vital para a ordem política do capitalismo (Badinter 1985, Federici, 2017; 1985; Pateman, 1993; Zanello, 2018).

É importante pensar que a justificativa das diferenças biológicas reforça o privilégio masculino mesmo diante do puerpério, por exemplo. A despeito de que as mulheres nessa etapa estão mais vulneráveis frente à "enxurrada hormonal", elas são consideradas ainda assim mais aptas ao cuidado com os bebês. Esse discurso omite o esgotamento típico da puérpera e destaca que a biologia comprova que as recém paridas têm mais instinto para proteger a cria. Aqui, novamente se vê o discurso do instinto materno como verdade e supostamente comprovado pela biologia (Freire, 2006). A solidão materna, casada com o esgotamento geral, tão presente nas postagens da amostra pesquisada nos aponta para a necessidade premente de diálogos e construções mais efetivas quanto ao exercício da maternidade.

3) Ser mãe - Lugar identitário da maternidade

Nessa categoria, a maternidade entra como lugar identitário para mulher – um reconhecimento de si através da experiência do matinar. Compreende-se aqui que, da mesma forma que o amor romântico é identitário para as mulheres, e, portanto, constrói subjetividades a partir daí, ser mãe também. Pois confere o cumprimento de uma norma muito cara e importante à sociedade patriarcal. “Mesmo reconhecendo que as atitudes maternas não pertencem ao domínio do instinto, continua-se a pensar que o amor da mãe pelo filho é tão forte e quase geral que provavelmente deve alguma coisinha à natureza.” (Badinter, 1985, pag.13)

Figura 3 – Post 6 e 7

Categoria 2 - Mães esgotadas – a face do cansaço materno



Figura 4 – Posts 8 e 9

Categoria 3 - Ser mãe - Lugar identitário da maternidade



Segundo Federici (2017), partir do séc. XVIII as mulheres passaram a “ser retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens” (p.205). E assim, o desejo pela maternidade, embora seus cuidados e intercorrências não favorecessem e não favoreçam as mulheres, elas se conectam a esse papel, de modo que, não ser mãe é visto como algo pejorativo, não desejável e algo a ser evitado. A postagem de número 8 apresenta uma mãe que entende sua existência dependente da existência do filho.

No nono post, por sua vez, a mulher recém mãe diz do quanto a maternidade a tem modificado, e quanto ela é melhor agora. Há imbuído nesse discurso também o viés religioso como parte da transformação do ser não mãe, para um ser mãe. Aqui lembramos Zanello (2018) quando se refere ao hétero centramento das mulheres em seu processo de subjetivação, marcado pelo dispositivo amoroso. Isto é, no processo gendrado de vir a ser mulher e mãe, na nossa cultura, somos organizadas de modo a que o outro tenha centralidade na nossa formação de ser pessoa. Para os homens o que ocorre é o auto centramento, ou seja, são culturalmente incentivados a se construírem de modo egoístas.

4) A culpa é da mãe!

Sentimento muito recorrente nas postagens da amostra dessa pesquisa, sabemos que a culpa é muito presente no cotidiano das mães, sobretudo, e de modo peculiar, nas mulheres mães heterossexuais que não possuem ampla rede de apoio, bem como as mães solo e as que não podem deixar de trabalhar. “A culpa é o sintoma de que o dispositivo materno está funcionando e que o ideal de maternidade e de feminilidade relacionada a essa emocionalidade) foi introjetado (Zanello, 2018, p.156)

No post de número 10, da Figura abaixo podemos perceber ‘o nascimento da culpa’ que vem junto da maternidade, traduzido por escolhas e não escolhas a que a mulher se vê diuturnamente tendo que realizar em razão dos cuidados para com seu(s) filhos(s).

A culpa incide sobre aquilo que ela faz e sobre o que ela não faz - não há nada fora do radar! As mães estão sempre sendo levadas a questionar sobre suas ações, escolhas, comportamentos, sentimentos, pensamentos, emoções. Elas sentem, inclusive, a pressão do controle afetivo da cultura, e quando este não for eficaz, entram em cena outros mecanismos punitivos, como a medicalização (psiquiatria), o sistema jurídico e também o sócio-assistencial (Zanello, 2018, p.156).

Os dois posts finais dessa categoria apresentam discursos técnicos para auxiliar as mães quanto ao sentimento da culpa. Aqui apenas vamos lembrar da psicologia como tecnologia de gênero, que reforça a existência de um *script*, uma performance cultural a ser seguida. Trataremos melhor sobre esses especialismos adiante, mas aqui é importante frisar a naturalização da culpa como algo a que a mãe não pode fugir, apenas amenizar. A culpa como ferramenta do dispositivo materno é portanto, também gendrada. Podemos pensar no quanto os homens se culpam ou não pelos mesmos cuidados com os filhos e já veremos os sinais do gendramento.

Figura 5 – Posts 10, 11 e 12
Categoria 4 – A culpa é da mãe!



5) Mãe empreendimento – alternativa ou manutenção de *status quo*?

Nos posts encontrados nessa categoria, percebemos uma grande quantidade de mulheres que vem fazendo da maternidade uma oportunidade de trabalho informal remunerado, seja como blogueira de maternidade, oferecendo dicas, *lifestyle*, vendendo produtos, dentre outras atividades. Sabemos que “quanto maior a conotação moral da classificação do ‘tipo humano’, maior o potencial para o *looping effect*” (Zanello, 2018, p.28). E pensamos que, talvez, neste caso, haja um duplo caminho aqui. O empreendedorismo feminino como lugar de reforço e manutenção da mulher no espaço doméstico, e na maioria das vezes, com baixos recursos, se comparados aos homens; como fortalecimento dos scripts culturais, das performances da maternidade colonizada. Outra possibilidade que pode vir a romper com esse viés, é a criação de mais espaços onde circulem discursos feministas e de desconstrução de um modo de ser mãe único, generalizado e que não leva em conta as interseccionalidades. Contudo, nas postagens da amostra coletada observamos pouquíssimas que efetivamente estavam questionando as estruturas da maternidade ideal, ainda que se utilizando da hashtag #maternidadereal, a realidade que vimos não abarca uma heterogeneidade de vivências, deixando de fora questões relevantes.

Já mencionamos no início desse trabalho que o capitalismo se vale tanto das diferenças corporais quanto de quaisquer fenômenos sociais dos quais ele possa tirar proveito. Tem sido assim

também com o chamado empoderamento feminino e com a possibilidade de as mulheres trabalharem a partir da maternidade.

Nos posts da Figura 6 vemos mulheres mãe bem-sucedidas, famosas no meio dessa rede social, com grande número de seguidores e de interações. Todas elas mostram uma apresentação visual que denota um certo nível de sucesso, de reconhecimento social, de *status* sempre utilizando de emocionalidades e performances feminizadas. Desse modo, em se tratando da amostra pesquisada, temos mais uma tecnologia de gênero funcionando a favor da manutenção do *status quo*. Nas postagens selecionadas é possível perceber que a maioria dessas mulheres corrobora esse modelo ideal de mulher mãe, que além de ser excelente mãe também é excelente profissional, e consegue promover publicamente o seu sucesso nas redes sociais.

Será preciso um maior alcance do letramento de gênero para que, efetivamente, possamos perceber esse espaço da maternidade como subversivo dentro da lógica do sistema capitalista a que estamos inseridas. Contudo, é importante ressaltar que essa pesquisa não alcança responder completamente à questão, pois não foi o foco central, sendo necessário novos estudos dentro desse universo midiático e fora dele.

Figura 6 – Posts 13, 14 e 15
Categoria 5 - Mãe empreendedorismo – alternativa ou manutenção de status quo?



6) E com a palavra, os especialistas! – Dicas de como ser a mãe ideal

A presente categoria foi encontrada sem esforço pelos diversos tipos de postagens referentes a dicas, alertas e informativos de especialistas de várias áreas, dentre elas: psicologia, medicina, nutrição, direito, pedagogia. Observamos também uma nova modalidade que são os especialistas da internet ou influenciadores digitais. Essa última categoria é a mais abundante dentre o chamado “nicho da maternidade”.

Nos posts dessa categoria vemos uma variedade de dicas, de informativos, alertas para as mães. Muitos confirmam a importância que os filhos foram adquirindo na sociedade e o quanto o papel materno é o de manutenção da vida, da ordem, da disciplina, do cuidado. Percebemos uma nova roupagem para as antigas revistas e magazines voltados para o público feminino em tempos anteriores. De acordo com Thomaz (2015), houve a inserção da tríade especialista, mãe e mídia no Brasil, desde o final da década de 60, onde esse aprendizado da maternagem foi sendo firmado através do lançamento da revista ‘Pais e Filhos’, que orientou e ainda orienta a criação de filhos no nosso país. Hoje, ela também se modernizou e está nas mídias digitais, em diferentes redes sociais.

Nas postagens acima podemos verificar que os especialistas vão conferindo também esse espaço da tecnologia de gênero que vai moldar as mães do momento. Os *scripts* podem aparentemente até serem contestados, mas até certa medida. Na maioria das postagens, o que vemos é o reforçamento do lugar da mãe ideal, da boa mãe que deve realizar x, y, z atividades e ações em prol de seus filhos e família.

O post de número 17 apresenta o mito do leite fraco. Como podemos ver, apesar de as transformações na maternidade virem de longa data, em pleno séc. XXI. ainda há a necessidade de desmistificar esse tipo de narrativa acerca da amamentação. Os dois últimos se centram em um curso para gestantes, onde se oferecem informações sobre a primeira infância, alimentação saudável, saúde emocional e cuidados com o recém-nascido, basicamente. E nos cabe observar um pouco mais, o curso é voltado para mulheres e não se fez nenhuma menção aos possíveis pais envolvidos ou terceiros que possam participar.

A última postagem traz um alerta da profissional de psicologia que ao menos se refere aos cuidadores, ainda que tenha um certo tom de destino trágico o fato de não ser amado para quem o futuro adulto será. Finalmente, as mulheres mães vão sendo bombardeadas de informações e se apropriam de tudo isso numa tentativa de especializar-se na maternidade (Freire, 2008). É um modo de estar inserida socialmente sendo reconhecida positivamente, executando dentro do que se compreende como o melhor possível a arte da maternidade. “A nova mãe, que se sente responsável pela saúde do filho, não oculta sua ansiedade e pede mais conselhos e ajuda ao médico.” (Badinter, 1985, pag.150)

7) Rituais de empoderamento colonizado;

Mesversário, roupas específicas, books de gestante, de recém-nascido, vídeos de revelação da gravidez, festa para a descoberta do sexo do bebê (chá revelação), batizado, festas de aniversário, chá de bençãos, fotos do parto, e por aí vai a infinidade de produtos que dão lugar subjetivo e social segundo a lógica capitalista. Independente da classe social esse tipo de artifício de manutenção desse

status da maternidade prevalece, de acordo com os orçamentos. É uma produção de subjetividade, segundo as tecnologias de gênero, ao redor do que é considerado ‘natural’ ou esperado para a ocasião.

Figura 7 – Posts 16, 17, 18 e 19

Categoria 6 - E com a palavra, os especialistas! – Dicas de como ser a mãe ideal

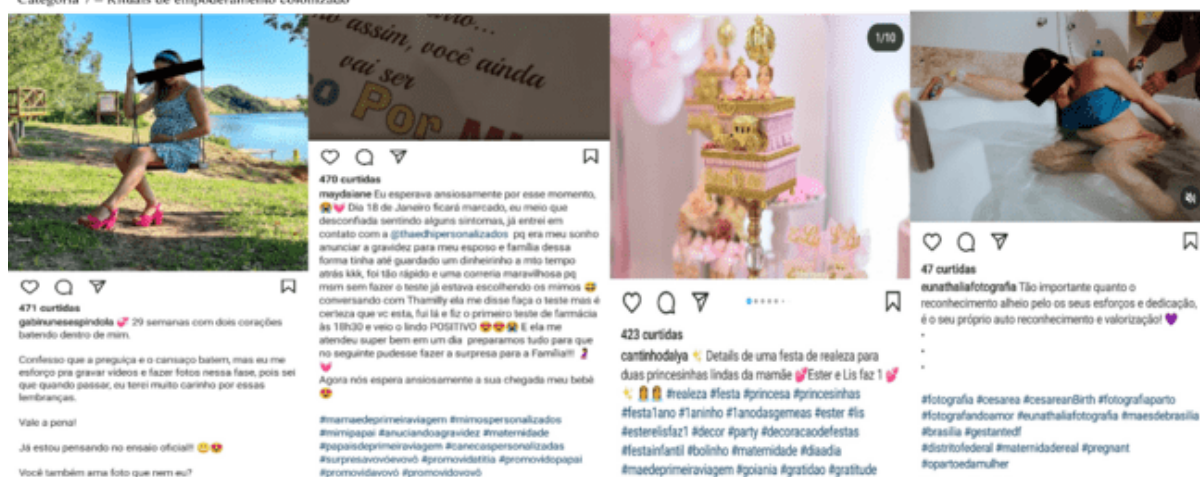


Das postagens selecionadas vemos a primeira que traz uma mulher em uma bela foto, sonhando com o book oficial, onde há o tratamento de imagem, maquiagem e toda uma produção. No segundo post da Figura 8 temos um vídeo onde ela apresenta como contou para o marido e os familiares que estava gestante. Diz que sonhava com esse momento, e que, investiu dinheiro para tornar seu sonho realidade. O tornar-se mãe como um espetáculo a ser acompanhado de perto pelos seguidores. Uma vida espetacularizada a partir da maternidade funciona muito bem como tecnologia de gênero dentro do dispositivo materno.

O post de número 22 apresenta o luxo das festas infantis, muito difundidas entre os famosos e também entre as celebridades da internet e as mães comuns que almejam e gastam suas economias numa justificativa de agradar e oferecer tudo aos filhos. Entretanto, o reconhecimento social e o lugar de empoderamento colonizado presente nessas situações parece superar qualquer ato de amor. Por fim, vemos uma mulher na banheira, sendo fotografada ao dar à luz. É um empreendimento cada vez mais realizado e desejado pelas gestantes, tentantes e aclamado pelo público geral. Não bastam as fotos comuns, há a expectativa e criação do desejo de ter as fotos oficiais da gestação (e de todas as demais etapas) feitas por profissionais da fotografia. Compreendemos aqui como mais um reforço social do lugar de mãe, do sonho da maternidade, da efetivação do destino feminino maior. E nesse momento nos perguntamos, ainda sem completa resposta: mas quando foi que historicamente se criou o “sonho da maternidade”? O sonho da maternidade parece ter sido lentamente construído para as mulheres, desde muitos séculos atrás e vem se aprimorando cada vez mais para que se perceba cada vez menos os engodos, e mais as ilusões.

Por fim, a criação do mesversário (aniversário a cada mês) é mais um exemplo de como o capitalismo se apodera da vida para criar consumo. E se apodera da maternidade para a manutenção tanto do consumo quanto do lugar da mulher nos cuidados e no ambiente doméstico. Para além dos books de maternidade, de mesversário com os filhos, o que é esperado de uma boa mãe – também nos parece ser esperado de uma boa mulher, que ela esteja linda, refeita após a maternidade, sensual e produtiva. Mas essa não foi uma constante nas postagens da pesquisa e, portanto, há ainda que se averiguar acerca de sua pertinência.

Figura 8 – Posts 20, 21, 22 e 23
Categoria 7 – Rituais de empoderamento colonizado



8 CONCLUSÃO

O que se propôs com este trabalho foi suscitar a reflexão a respeito da colonização da maternidade e apontar que o dispositivo materno associado a outras tecnologias de gênero, sobretudo o *looping effect*, tem servido como mantenedores desse lugar de aprisionamento da mulher, mesmo após tantos avanços sociais. E que o mote ‘maternidade real’ e ‘maternidade’ traz um recorte social, e é gendrado discursivamente. Deixando de lado inúmeras formas de maternar, maternagem, vivências de maternidade e a própria experiência de maternidade de cada mulher, levando-se em consideração os aspectos de gênero, relacionais, econômicos e culturais.

A internet amplificou esse processo, tornando experiências singulares em tendências, o que do ponto de vista capitalista pode ser muito lucrativo, uma vez que os novos ‘profissionais’ são apenas os pares que relatam suas experiências e que de alguma forma, pelo número de seguidores, têm um discurso de poder sobre aquelas pessoas que os seguem. Contudo, sem fazer quaisquer críticas aos modelos hegemônicos e colocando a maternidade e os processos de maternagem como produtos e objetivos a serem alcançados segundo a lógica do capital, uma vez que ela pode ser adquirida com apenas um clique.

Com os achados dessa pesquisa e sua análise, percebeu-se que apesar de ter algumas possibilidades de desconstrução do dispositivo materno no Instagram, esta rede social acaba evidenciando que o grande público materno ainda se identifica com uma maternidade colonizada, tal como tínhamos em outras épocas as revistas, os magazines para a mulher mãe.

REFERÊNCIAS

- Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno. Nova Fronteira. Bíblia Sagrada: Edição Pastoral. (1997). Paulus.
- Fragoso, S.; Recuero, R.; Amaral, A. (2011). Métodos de pesquisa para internet. Sulina.
- Fidalgo, L. (2003). (Re)construir a maternidade numa perspectiva discursiva. Instituto Piaget.
- Foucault, M. (1996). Microfísica Do Poder. Graal.
- Freire, M. M.de Luna. ‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.153-171, jun. 2008.
- Gonzalez, C; Moita Lopes, L.P. 2020. O dispositivo da maternidade em Tudo sobre minha mãe: Entextualizações e processos escalares. Alfa, Rev. Linguíst 64. <https://www.scielo.br/j/alfa/a/3zBf9dXLKmqLnBnpXSnbMnt/?lang=pt>
- Jameson, Fredric. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. (2000). Editora Ática.
- Lauretis, T. (1994). As tecnologias do gênero. In Heloísa Buarque de Hollanda. (Org.), Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura (pp. 206-242). Rocco.
- Maher, J.; Saugeres, L. (2007). To be or not to be a mother: women negotiating cultural representations of mothering. Journal of Sociology, London, v.43, n.5, p.1-21.
- Moura, S.M.S.R. de. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. Psicologia Ciência e Profissão. v. 24, n.1, p.44-55, 2004. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3sCV35wjck8XzbyhM WnhrzG/>
- Thomaz, R. (2015). Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. Galaxia, São Paulo, 29, pp.155-166.
- Trindade, Z.A., & Enumo, S.R. (2002). Triste e Incompleta: Uma visão Feminina da Mulher Infértil. Psicologia USP, 13(Psicol. USP, 2002 13(2)). <http://doi.org/10.1590/S0103-65642002000200010>.
- Zanello, V. (2018). Saúde Mental, Gênero e dispositivos - Cultura e processos de subjetivação. Appris.
- Zanello, V. Saúde mental, gênero e dispositivos. In: Dimenstein. M.; Leite, J.; Macedo, J.P.; Dantas, C. (Orgs.). Condições de vida e saúde mental em assentamentos rurais. 1ed. Intermeios Cultural, v. 1, 2016, p. 223-246.